

CFESS Manifesta

Dia Mundial do Meio Ambiente

Brasília, 5 de junho de 2012
Gestão Tempo de Luta e Resistência

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL
www.cfess.org.br



O dia mundial do meio ambiente, celebrado em 5 de junho, é uma data comemorativa e tem um caráter educativo, em que se pauta o sentido e a necessidade da preservação e da conservação dos recursos naturais. É um convite para pensarmos a forma como estamos nos relacionando com o meio ambiente. Particularmente no nosso país, teremos toda a semana dedicada a este dia, com campanhas e com incentivo ao plantio de árvores, realizações de oficinas sobre reciclagem, coleta seletiva do lixo, uso e reaproveitamento de materiais consumidos no dia a dia. Tais campanhas são importantes? Diríamos que sim, dentro de uma proposta educativa, mas são insuficientes para assegurar de fato a preservação do meio ambiente em sua totalidade.

Mas o que é mesmo meio ambiente? Se fizermos essa pergunta, todo mundo vai ter uma certa opinião, contudo, foi em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Am-

biente, sediada em Estocolmo (Suécia), que se definiu uma concepção sobre o meio ambiente: “O meio ambiente é o conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas.”

Em longo prazo, sabemos que a natureza foi apropriada como objeto e explorada intensamente pela ação humana. Descobrimos, no processo histórico, que a natureza não é uma fonte inesgotável de recurso, como se pensou um dia. A exploração intensa destes recursos, sobretudo pelo modo de produção capitalista, imprimiu um cenário de degradação do meio ambiente, de esgarçamento do tecido social e do próprio ser humano.

No momento contemporâneo, o quadro se agrava mediante a crise estrutural do capital e de suas estratégias de reorganização para fins de acumulação. O intercâmbio entre natureza-

individuo torna-se ainda mais predatório mediante a produção destrutiva do capital, que limita o uso coletivo do patrimônio natural e o torna capital privado.

No Brasil, o meio ambiente revela os territórios que brotam riquezas minerais e vegetais, uma fauna rica e diversificada; belas e paradisíacas paisagens litorâneas; a Amazônia guarda a maior reserva de água doce do planeta. Temos uma das maiores áreas de manguezais; aqui se concentra a maior floresta tropical do mundo, mas também, no mesmo espaço-tempo, a realidade brasileira resguarda o território da desigualdade social com brutal exploração do trabalho e reprodução de formas de opressão.

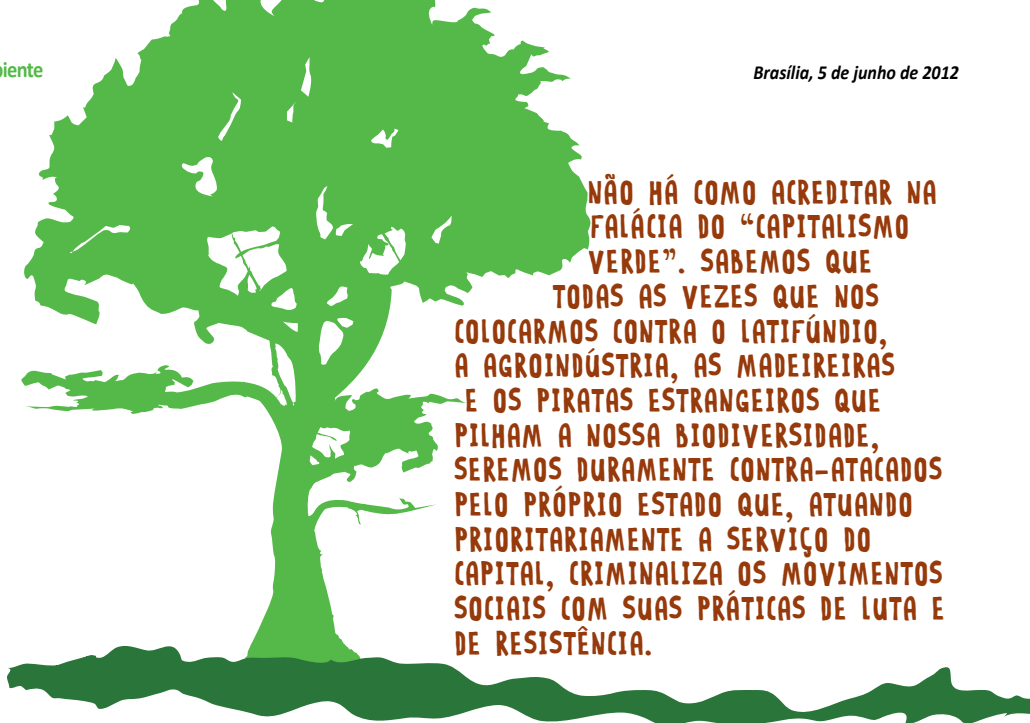
Por exemplo, nunca se falou tanto em Insegurança Alimentar. Segundo dados do IBGE (2012), “cerca de 70 milhões de brasileiros vivem em estado de insegurança alimentar e nutricional, sendo que 90% desta população consomem frutas, verduras e legumes abaixo ▶

► da quantidade recomendada para uma alimentação saudável”. Como se não bastasse, o Brasil é recordista em consumo de agrotóxico. A Amazônia, conhecida como “o pulmão do mundo”, vem perdendo sua floresta para dar lugar aos pastos para o gado, que se multiplica 11% ao ano. Ao perderem seus territórios de subsistência para o agronegócio, para o advento das monoculturas (transgênicos) e da ampliação dos latifúndios de cana de açúcar, em face da alardeada propaganda do Biodiesel, as populações tradicionais e os/as trabalhadores/as, notadamente os segmentos pauperizados, serão os mais afetados pela falta de alimento.

Assim, falar sobre o meio ambiente hoje no Brasil é, sobretudo, refletir sobre os conflitos socioambientais históricos e emergentes que ocorrem de Norte ao Sul do país. Conflito pelo direito à terra, a água, aos manguezais, às florestas e à própria vida.

Para o Conjunto CFESS-CRESS, e para nós, assistentes sociais, que defendemos o projeto ético-político profissional, nesta semana do meio ambiente esperamos ver na pauta bem mais que campanhas educativas de caráter individual. Nossa pauta está na luta pelo direito à cidade e à moradia da população atingida pelos megaeventos; dos/as sem-tetos de Pinheirinho, que foram barbaramente arrancados de seus lares por um Estado que continua tratando as expressões da questão social com a polícia de choque; não queremos só um veto ao Código Florestal, queremos ter um código construído e assinado pela população que vive e sobrevive do extrativismo das nossas florestas e não um código pensado pela bancada ruralista do Congresso Nacional para permanência do latifúndio e do agronegócio; defendemos que se pautem, no dia 6 de junho, a suspensão imediata da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte na região do Rio Xingu; queremos uma solução definitiva para problemática da seca no Nordeste que atingiu, no primeiro semestre de 2012, uma população de 4 milhões de pessoas.

Definitivamente, não há na contemporaneidade, sob a égide do capital, uma preocupação com o atendimento das necessidades humanas, com os biomas, mas sim com a garantia e ampliação do lucro que enriquece cada vez mais os 10% de uma população mundial que concentra



NÃO HÁ COMO ACREDITAR NA FALÁCIA DO “CAPITALISMO VERDE”. SABEMOS QUE TODAS AS VEZES QUE NOS COLOCAMOS CONTRA O LATIFÚNDIO, A AGROINDÚSTRIA, AS MADEIREIRAS E OS PIRATAS ESTRANGEIROS QUE PILHAM A NOSSA BIODIVERSIDADE, SEREMOS DURAMENTE CONTRA-ATACADOS PELO PRÓPRIO ESTADO QUE, ATUANDO PRIORITARIAMENTE A SERVIÇO DO CAPITAL, CRIMINALIZA OS MOVIMENTOS SOCIAIS COM SUAS PRÁTICAS DE LUTA E DE RESISTÊNCIA.

84% da riqueza gerada pela classe trabalhadora.

E é “nesta mesma direção social que se configura o projeto de desenvolvimento proposto pelo governo federal (o PAC), que apresenta contradições difíceis de serem positivadas, porque de um lado contém medidas mitigadoras e emergenciais da classe trabalhadora, por outro lado, com Medidas Provisórias e pela força da Lei cria um aparato estatal de forte sustentação para os projetos de expansão do capital no território brasileiro, o que vai gerar mais conflitos socioambientais, desenraizando os povos dos seus habitats, do seu trabalho, de sua arte e cultura”.

Dessa forma, não há como acreditar na falácia do “capitalismo verde”. Sabemos que todas as vezes que nos colocamos contra o latifúndio, a agroindústria, as madeireiras e os piratas estrangeiros que pilham a nossa biodiversidade, seremos duramente contra-atacados pelo próprio Estado que, atuando prioritariamente a serviço do capital, criminaliza os movimentos sociais com suas práticas de luta e de resistência.

Desse modo, o Serviço Social, como uma profissão atenta a esta realidade dinâmica que beira a barbárie, vem construindo com muita garra e combatividade, de forma crítica e ética, as possibilidades para a efetivação do nosso projeto profissional, sendo mais uma profissão a se inserir no amplo debate acerca da questão

socioambiental. A perspectiva é o fortalecimento da articulação com os movimentos sociais e da reflexão no âmbito da formação e do exercício profissional quanto à necessidade histórica da luta pelo direito ao meio ambiente e o compromisso com a defesa intransigente dos direitos da classe trabalhadora.

Desejamos que o dia do meio ambiente possa ser todos os dias e que, em sua defesa, façamos bem mais que campanhas educativas centradas na responsabilidade individual. A defesa do meio ambiente é a defesa dos direitos do trabalho e da seguridade social pública. É a luta pela realização das necessidades humanas, com direito à cultura, à arte e à poesia. É a busca incessante pela preservação do ambiente urbano-rural com direito à moradia; à segurança pública; ao transporte coletivo com qualidade e ao lazer numa praia ou num mergulho no igarapé. Nosso compromisso é com a luta diária e necessária de ribeirinhos/as, povos indígenas, quilombolas, seringueiros/as, babaqueiros/as, pescadores/as, marisqueiras, caçaras e de tantas pessoas que retiram o seu sustento diretamente da natureza.

Assim, fazendo uma analogia à poesia de Gullar, “que a revolução possa caminhar com pés de flor nos campos de meu país, com pés de borracha nas grandes cidades brasileiras e que meu coração é um sol de esperanças entre pulmões e nuvens”.



SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014)

PRESIDENTE Sâmya Rodrigues Ramos (RN)

VICE-PRESIDENTE Marinete Cordeiro Moreira (RJ)

1ª SEC. Raimunda Nonata Carlos Ferreira (DF)

2ª SECRETÁRIA Esther Luíza de Souza Lemos (PR)

1ª TESOUREIRA Maria Lucia Lopes da Silva (DF)

2ª TESOUREIRA Juliana Iglesias Melim (ES)

CONSELHO FISCAL

Kátia Regina Madeira (SC)

Marylúcia Mesquita (CE)

Rosa Lúcia Prêdes Trindade (AL)

SUPLENTE

Maria Elisa Dos Santos Braga (SP)

Heleni Duarte Dantas de Ávila (BA)

Maurílio Castro de Matos (RJ)

Marlene Merisse (SP)

Alessandra Ribeiro de Souza (MG)

Alcinélia Moreira De Sousa (AC)

Ervã Garcia Velasco - Tuca (MT)

Marcelo Sitcovsky Santos Pereira (PB)

Janaine Voltolini de Oliveira (RR)

CFESS MANIFESTA

Dia Mundial do Meio Ambiente

Conteúdo (aprovado pela diretoria):
Andréa Lima - Professora de Serviço Social da UFRN

Assessoria de comunicação:

Rafael Werkema - JP/MG 11732

Diogo Adjuto - JP/DF 7823

comunicacao@cfess.org.br

Revisão: Diogo Adjuto

Design e ilustrações: Rafael Werkema